

Egidio Rocci: memórias de um escafandrista urbano

Angela Luciane Peyerl¹

Lucy Cristina Ostetto²

Luana de Carvalho Silva Gusso³

Ao se acordar que o lugar acompanha sempre o homem, nem sempre concordamos com esta ou aquela definição. Há uma infinidade de definições de lugar e de sentido que varia conforme as teorias e os autores. Um objetivo e outros subjetivos. O sentido de Lugar implica o sentido vida, e por sua vez, o sentido do tempo. (OLIVEIRA, 2012, p. 3).

Resumo: Pensar na obra de Egidio Rocci é também mergulhar em uma experiência urbana através da cidade como um subsídio para a arte e a memória. Para tanto, utilizaremos a poética do artista, investigando a sua busca pela matéria e por fragmentos que são os “restos” da cidade moderna. Este trabalho tem o intuito de discutir as linhas do patrimônio artístico, artificação e patrimônio das emoções como campo de delimitação teórica. Deste modo a cidade não se restringe apenas ao espaço urbano, ela se perpetua na metáfora do artista como um escafandrista urbano, que se veste da cidade e que estava sempre preparado para mergulhos na sua obra e na memória que reside nos objetos deixados pela cidade. Nas suas obras a matéria utilizada era encontrada em espaços da cidade de São Paulo ou em uma espécie de lixo de construção proveniente da Prefeitura de São José dos Campos.

Palavras-chave: Memória. Arte Brasileira. História. Egidio Rocci. Cidade.

Egidio Rocci: memories of an urban scavenger

Abstract: To think about the work of Egidio Rocci is also to delve into an urban experience through the city as a subsidy for art and memory. To do this, we will use the artist's poetics, investigating his search for matter and for fragments that are the "remains" of the modern city. This work aims to discuss the lines of artistic heritage, artification and heritage of emotions as a field of theoretical delimitation. In this way, the city is not just restricted to the urban space, it is perpetuated in the metaphor of the artist as an urban scavenger, who dresses himself in the city and who was always prepared to dive into his work and into the memory that resides in the objects left by the city. In his work, the material used was found in spaces in the city of São Paulo or in a kind of construction waste from the São José dos Campos City Hall.

Keywords: Memory. Memory. History. Egidio Rocci. Brazilian art. City.

1 Univille

2 Unesc

3 Univillex

Tecendo a memória

Ao observar as obras de Egídio Rocci, não consigo me distanciar da sua relação com a cidade ou com os lugares que despertam memórias, como da mesma forma não posso me distanciar de narrar momentos com o artista.

Nesse sentido, não é tanto a história da vida reconstruída que importa em si, mas sim o sentimento de congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado recomposto, a impressão de conveniência que essa história toma para mim no aqui e agora de sua enunciação. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.362)

Em dado momento desta escrita me sinto uma narradora pois toma a liberdade de instigar o leitor para que me acompanhe e quem sabe convidá-lo a colocar para tocar o álbum dos “*Beatles - Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*”. Talvez, seja o que uma artista como Egídio fizesse ao chegar em seu apartamento em companhia de sua esposa, a também artista plástica Tamara Andrade.

Ter o prazer de conviver com Egídio Rocci durante um período de minha vida foi algo que me trouxe muitas alegrias e reflexões, afinal, “lugares reais, com cheiros e cores muito variados, texturas e sons bastante próprios, mas são também lugares que proporcionam uma atração pelo diverso (CHEREM, 2012, p. 11)”.

Lembro-me de cada chegada no apartamento e do seu ateliê (figura 01) que ficava localizado na sala da casa e das suas ferramentas organizadas com o painel e do quarto de estudos que foi também o local que me abrigou por algumas vezes. O cheiro da sopa em dias frios e chuvosos e as conversas que varavam do dentro para fora. Um lugar localizado no centro de São Paulo que para mim desvela “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito”. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288)

Figura 1. Ateliê - São Paulo



Fonte: Acervo do Artista

E vai além, pois a caminhada por São Paulo e o modo como Egídio me apresentava cada lugar que o acompanhava, fazia parte da tessitura da memória que criamos, os casarões históricos que ele me apresentava, as histórias das ruas, “assim, as cidades em que não vivemos, inextensas e cintilantes, tornam-se como amores que não tivemos, um lugar de infinitas possibilidades e inumeráveis projeções(CHEREM, 2013, p. 9).

Da atração que era o ato de caminhar pelas ruas da capital Paulista e me deparar com alguma memória, a praça da Sé é um desses locais que nunca me esqueço, e arrisco dizer que talvez esse seja o lugar quemais me faz lembrar das caminhadas pela cidade, ali não era somente o local de passagem ou de contemplação.

Para o Egídio foi naquele local durante a década de 80 que começou uma mudança. Foi ali que vi seus olhos brilharem ao falar da sua participação em meio à multidão que gritava pelas Diretas Já, na qual Egídio narrava efusivamente e foi super atuante.

Todas essas narrativas tinham esse entroncamento com a memória, não importava se era dele ou memórias que foram geradas no coletivo,

A cidade geralmente nos aparece como concreto, formas e caos. É raro associarmos a cidade aos sentimentos e emoções que invadem as relações humanas, a relação entre os seres humanos ao nível do olhar é sempre uma parte fundamental na alma da cidade. Simmel vai pensar a cidade a partir das relações sociais. (KRÜGER, 2013, p. 25)

Essas colchas tecidas de retalhos urbanos criaram essa relação de Egídio Rocci, o bancário x Egídio Rocci o artista que se assemelha a um escafandrista urbano. É discorrer sobre a poética do encontro e dos sentimentos pela cidade, é também se reconhecer como parte de uma trajetória que só é possível de ser narrada hoje com o acesso aos arquivos do artista e ao arquivo de um corpo que viveu o movimento.

Afinal , quem é Egídio Rocci?

Egídio Rocci dos Santos nasceu em Caçapava – SP em 25 de outubro de 1960, viveu e trabalhou entre São Paulo e São José dos Campos, sua formação artística se deu por meio de cursos de desenho, fotografia e escultura. Com os estudos acabou se envolvendo e participando de um atelier coletivo em São José dos Campos, foi estudar Filosofia da Arte no período em que frequentou o atelier de Rubens Espírito Santo¹ e participou de grupos de discussão em São Paulo.

Iniciou sua carreira na década de 90 com trabalhos direcionados para uma linha mais acadêmica da representação, mesmo assim já representava em suas gravuras pessoas sem um dos braços ou anjos sem uma das asas. Em 1996 a arte se torna o espelho do ser em sua obra.

Egídio Rocci neste período também se mostrou aberto para experimentação de novos suportes, com isso, nasce em sua trajetória artística o limiar entre o equilíbrio e a apropriação. Suas obras contemplavam as mais distintas formas e tamanho.

Os estúdios dos artistas da década de 1990 não eram mais só preenchidos com potes de tintas, telas, papéis, naquim, foi um período de originalidade onde o tempo e o espaço se redefinem. Nessa virada de século os artistas não estavam mais preocupados em apenas ilustrar temas, mas sim produzir sentidos e significações de ~~na~~ diversos.

A poética de Egídio Rocci passa por essas experimentações de linguagens, intervenções em espaços que são tradicionalmente estranhos e inusitados ao campo da arte, dando assim uma nova estética à lugares e objetos que não seriam arte,

A rua é também *intérieure* porque é o lugar em que mora o coletivo, a massa, as pessoas em conjunto. Elas

1 Rubens do Espírito Santo ou RES, nos anos 2000, Rubens inaugurou o Atelier do Centro, no qual criou e aplicou o método pedagógico de arte que propõe uma fusão entre pedagogia, artes visuais e filosofia. Em 2023 Rubens foi acusado por alunos de violência sexual e física. A Polícia Civil de São Paulo recebeu denúncias sobre os abusos que teriam ocorrido em sua escola de arte e abriu um inquérito para investigar o caso. O podcast O Ateliê de Chico Felitti narra as denúncias feitas pelos alunos.

se identificam e se formam nessa paisagem: ados corredores, das ruas, das empresas, dos automóveis, das praças, do asfalto. Esses são lugares que ecoam, reverberam a condição de vida das cidades e de seus moradores. Contudo, é na experiência do flâneur que a existência se abre e produz perspectivas e possibilidades. A leitura da cidade é dada por este personagem peculiar. O próprio flâneur é um personagem móvel, ele se transforma, metamorfoseia-se[...] (SILVA, 2016, p. 15)

Egídio era um escafandrista urbano pois metaforicamente falando ele se vestia da cidade, afinal “as cidades são um imenso laboratório de tentativas e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano” (JACOBS, 2011, p. 5) e desses restos que a cidade deixava, Egídio estava sempre preparado para mergulhos demorados dentro de seus trabalhos.

A sua busca por restos que a cidade poderia lhe dar, formava um caleidoscópio na sua poética, que parte dos desenhos e vai ser apropriando de outros materiais, as imagens e as formas são os pontos cruciais para marcar seu trabalho. Mesmo estando sempre à espera de um momento para clicar algum ato da cidade (Figura 2), bem como estava sempre à procura de restos de madeira ou móveis, a busca por si só já era algo poético e possibilidade de não existir nada também era uma variável.

Figura 2. Da janela do Ateliê



Fonte: Acervo Tamara Andrade

Compreender que a arte e a cidade são produtoras de memórias e de acontecimentos plásticos e pictóricos na obra de Egídio Rocci está muito claro, porém analisando toda sua trajetória artística, do momento em que ela começa até o momento em que ela finda, é perceptível que suas obras estão intrinsecamente ligadas a construção de todo um processo de artificação do cotidiano. Esse conceito de artificação² é o que nos aproxima da discussão do campo patrimonial e da compreensão desse processo que resulta em novos objetos e é isso que vamos discutir adiante.

² O processo de artificação foi cunhado por Roberta Shapiro e Natalie Heinrich, é um processo dos processos, que resulta em novos objetos, novas práticas, e requalifica as coisas. O objeto torna-se arte, o produtor o artista, é um processo a longo prazo que vai além do dizer o que é arte e sim quais as circunstâncias ela ocorre.

Entre o equilíbrio e a permanência

Em um dos encontros que tive no ateliê, certa vez ao falar de arte Egídio deu a entender que arte é um procedimento estético, não superior ao conteúdo, mas obrigatoriamente presente, o que me fez pensar na sua produção pós-representação, onde passa a utilizar caixas como abrigo para objetos encontrados ao acaso, logo outros suportes também começam a ser explorados, assemblages e cadernos que formaram uma espécie de acúmulo que nos remetem a um diário.

Figura 3. Livros/ Antropofagia



Fonte: Acervo Tamara Andrade.

Na sua série de livros, os primeiros foram nomeados de *Livros Antropofágicos* pois o artista que derrubou a parede seu ateliê, a deglutiou, e deu uma outra significação para os restos de madeira, e como ele mesmo dizia, “*não há sobra para madeiras*”. Sempre há junções que se encaixam, emendas que se fecham, cores que nem sempre se completam e detalhes que nunca imagináramos estar ali se não fossem o seu olhar cuidadoso.

Essa ressignificação da matéria em especial da madeira é um dos processos de artificiação. Que joga luz aquilo que são os restos das cidades e aqui tomo para elucidar que Egídio se deslocava entre São Paulo e São José dos Campos para que pudesse criar, ele mantinha um ateliê em São José dos Campos que comportava obras de maior porte. Nessa sempre incessante busca por madeiras, móveis, objetos que de alguma maneira saíram do cotidiano e se tornaram obsoletos passando assim a ser um resíduo na cidade, a matéria que sempre poderia ser moldada para um novo (re) começo.

Meus trabalhos são muito metaforizáveis”, admite Egídio indagando se não comete um neologismo. Sim, porque as palavras que dizemos precisam estarduplicadas (e legitimadas) pelos dicionários, estes duplos que guardam os significados de nossa fala. O artista conta que a nova série de trabalhos surgiu de muitas visitas a lojas de móveis usados, em busca de certo tipo de guarda-roupa, “daqueles comuns nos anos de 1960, data em que nasci, daí porque os considero meus colegas de geração. (MORAES, 2007, p. 6)

Os móveis-esculturas são como uma ilustração de um texto que não foi escrito, os restos da cidade sendo utilizados como arte e a tentativa de decodificar plasticamente uma sensação que não foi completamente dominada,

de que a cidade também é um grande arquivo a céu aberto.

A obra de Egídio nos remete a cidade moderna é o novo e o antigo dialogando, “o novo impregnado do antigo e que já contem em si o princípio de sua obsolescência, o novo que começa a revelar seu verdadeiro rosto quando se torna antiquado” (BENJAMIN, 1975, p. 23). Este era o momento em que as cidades feitas de pedra e cal caíam por terra e o que entendemos como a fabricação do patrimônio se constrói partindo dos processos de artificação, o que era lixo se ressignifica, torna-se objeto de culto passível de musealização e ganha uma nova interação social, “com valores patrimoniais construídos por pessoas que, em seu cotidiano, de alguma maneira se conectam á vida de bens potencialmente patrimonializáveis” (SOSSAI, 2022, p. 13).

O estilo Provençal utilizado em algumas obras não é tão raro assim, é um mobiliário que foi selecionado por ele em lojas de móveis usados ou encontrados ao acaso. Este estilo de mobiliário se popularizou no Brasil na mesma época em que a arte construtiva se consolidou, e essa é uma das lembranças que tenho latente do ateliê de Egídio Rocci, a presença dos artistas construtivistas que habitavam sempre a biblioteca e a sua poética.

Em tempos de alvenaria, é o madeirame quem sustenta uma construção. Nos trabalhos de Egídio Rocci persiste o que há de estrutural em um objeto: subtrai-se o excesso, eliminam-se funções. Eis que surge um objeto novo que pode ser composto junto a outro semelhante ou completamente distinto dele mesmo. (BOPPRÉ, 2011, p. 2)

Quando retira do anonimato estes objetos que saíram do cotidiano e que até então estavam imbuídos de memória para ressignificar, Egídio apaga todos os possíveis vestígios deixados e transforma em esculturas, ou melhor em móveis- esculturas, desconstruídas, desapropriadas do utilitário passando a ser um objeto cheio de signos e mostra a alma que um móvel tem. Como ele mesmo nos diz,

São como estórias curtíssimas, pequenas peças, que ao mesmo tempo em que limitam a leitura da obra, permitem que o seu enredo aceite o encaixe de experiências pessoais. O movimento cíclico estabelece um tempo mínimo para que o olhar se dedique à obra (um ciclo, pelo menos). Além disso, o movimento cria um segundo momento, que vem imediatamente após a contemplação: a reflexão sobre sua mecânica. É preciso desvendar como ela funciona. Isso leva apenas alguns segundos, e nesse pequeno lapso de tempo a visão poética cede espaço à curiosidade e à desmistificação da poética. Minha pretensão é que exista um terceiro momento, aquele em que, apesar de revelado o mistério, apesar do conhecimento da estrutura de funcionamento, seja possível a permanência do momento poético. (ROCCI, s.d)

De uma maneira metafórica, quando vejo as obras dos móveis sinto um pouco a formação das relações humanas e urbanas, partes que se unem e se fundem, objetos que encontramos perdidos no nosso cotidiano, em salas, em escritórios, nas ruas, em terrenos alheios jogados como um “lixo”, afinal sua vida útil acabou e de uma maneira leve.

Essa ressignificação do suporte artístico também suscita as emoções, afinal estamos diante de obras que eram armários clássicos, que habitaram a residência de avós, de pais de pessoas do cotidiano, isso tornam-se emoções patrimoniais. Por meio da admiração que Egídio Rocci consegue incorporar uns dentro dos outros sem uma ligação, eles se esvaziam, se perdem e ao mesmo tempo sempre estão unidos de alguma forma que nunca sabemos causando uma inquietação.

Figura 4. Compilado de esculturas- móveis

Fonte: Blog Egídio Rocci - <http://egidiorocci.blogspot.com.br/2010/05/arquivo-azul.html>

Temos a figura de São Paulo como cidade marca da modernidade, que cresceu como um tabuleiro de xadrez se espalhando sem demarcações, diferente da maioria das cidades que tem em seu núcleo uma praça com os três poderes reunidos no mesmo entorno e a uma igreja católica como ponto principal. São Paulo é a cidade do crescimento desenfreado, do imediatismo, das informações instantâneas, da banalização do ser o transformando em homem da multidão, criando em seus habitantes uma espécie de semiamnésia onde as suas referências se perdem e se deslocam em meio ao caos, aos códigos e sinais:

inseparável a história da cidade e a história da arte, sem esquecer o papel que os artistas desempenharam na invenção da cultura moderna das cidades, contribuindo para a construção do imaginário urbano – seu museu imaginário – ou, dito de outro modo, o próprio imaginário da modernidade. (DETHIER, 1994, p. 16)

Alain Guiheux (1994) afirma que a cidade é o espetáculo da civilização em sua história e sua atualidade, e que seu solo é o espelho que regista nossas ações, esses sinais de quem abraça os indícios urbanos os digerindo e transformando em poética, provam que os artistas conseguem ver que há mais de uma cidade na cidade, há uma complexidade multicultural. A cidade de São Paulo é a reconstrução em meio ao imediatismo, a obra de Egídio compartilha conosco a ideia de produtora de sentido mesmo em meio a essa multidão ele consegue buscar fragmentos, investigar o espaço urbano e criar uma possibilidade de urbanismo poético.

Obras que se movem

Aqui partimos para analisar dois momentos na trajetória de Egídio Rocci e a relação que o mesmo estabeleceu com a cidade, as esculturas em suportemadeira e as fotografias dos então intitulados álbuns do *8º andar* e *Da janela do Atelier*. As fotos eram postadas diariamente em sua página na rede social e esse era o único local que ele permitia que fossem expostas.

Quando mudou-se de São Paulo para São José dos Campos, de início Egídio Rocci achava que não teria muito o que fotografar, pois mesmo sendo uma região central de São José dos Campos, não tinha o mesmo ~~modo~~ que o centro de São Paulo e as suas peculiaridades, contudo tinha uma nova vizinhança não tão cosmopolita, o que pode (re) criar os seus laços com a natureza, com a paisagem e com a vista de sua janela proporcionava.

A mudança não foi só de cidade, mas também de uma nova visão, o que antes no álbum *Da Janela do Atelier* apresentava a cidade imersa ao caos da grande metrópole onde tudo acontecia debaixo de sua janela, os mendigos, os policiais os transeuntes andando.

Figura 5. Da Janela do Atelier



Fonte: Facebook -Memorial Egídio Rocci

Não se repetia em São José dos Campos no álbum do *8º andar*, a perspectiva sobre o outro já era diferente, os laços estabelecidos eram outros e o modo como olhar para a cidade também havia mudado.

A experiência de perceber como a construção os álbuns *8º andar* e *Da janela do Atelier*, talvez nos desvele um artista *voyer* do cotidiano, das mesma maneira que tinha a delicadeza de encontrar material em meio ao lixo urbano, aqui as pessoas tronaram- se alguém, pelo menos de uma perspectiva das emoções patrimoniais, Egídio Rocci traz para as suas redes sociais pessoas comuns, flagradas em meio as suas rotinas e ganham um status de contemplação ao serem publicadas pelo artista.

Dentro de sua rotina Egídio tinha horários fixos para fazer essas fotografias, as pessoas se repetiam na maioria das fotos do *8º andar*, afinal estamos aqui falando de uma rotina e uma relação entre *artista, bairro e os personagens*. Sim, haviam personagens que frequentemente eram registrados, o padre franciscano, a mulher que todos os dias subia a rua com um livro debaixo do braço para ler ou então a mulher que fumava em seu quintal, era uma tentativa de invasão, afinal antes não era necessário fazer essa busca a cidade,

diversidade idiossincrática de seus habitantes, sua arquitetura, sua sinalização, seus códigos cotidianos. Conversar com tudo isso é abraçar o caos e se emocionar com o estranhamento. (CANTON, 2009, p. 23)

Figura 6. Do Oitavo Andar



Fonte: Facebook -Memorial Egídio Rocci

Sua cidade era formada por sonhos, utopias, pássaros, nuvens, ventos e acontecimentos que eram vistos inicialmente de uma janela que ficava exatamente no seu atelier entre a esquina das avenidas São João e Duque de Caxias, no centro de São Paulo, após sua mudança para São José dos Campos essa cidade passou a se nomear como “Do oitavo andar”, lá de cima ele registrava uma cidade que saía do anonimato, eram detalhes do cotidiano da cidade moderna que vive na confusão de carros, prédios, ocorrências, uma vida em meio a solidão que se tornou compartilhada e aproximada pelos seus registros.

Ao pensar no indivíduo moderno, que hoje vive nessa cidade onde a combinação de espaço/tempo faz criar identidades fragmentadas, ou como HALL (2005),

Por toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (...) As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidades distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (HALL, 2005, p. 89)

Partindo da premissa de que as identidades modernas estão sendo descentradas, as fotografias de Egídio, do *Oitavo Andar* ou da *Janela do Atelier* são a permanência da dimensão humana em meio ao individualismo e dos detalhes que passam silenciosamente entre a ausência, ruas, solidão, movimento e relações em espaços que são conhecidos por serem não lugares,

Figura 7. Do Oitavo Andar

Fonte: Facebook -Memorial Egídio Rocci

Para fins de conversa

São Paulo, a metrópole que se perde de vista. Pensei na intensidade de São Paulo, feita do movimento incessante de gente e máquinas, do calor dos encontros, da violência dos conflitos. Milhares de habitantes. Milhões. Mas logo me ocorreu uma dúvida: não seriam esse ritmo e essa intensa concentração, para mim tão sinônimos de urbano, próprios apenas das metrópoles [...]. (ROLNIK, 1988, p. 11)

Além da vida cotidiana, do arranha céu da cidade, Egídio nos faz lembrar de São Paulo como um deslumbramento da dura poesia concreta de tuas esquinas como cantaria Caetano Veloso, uma cidade que ao mesmo tempo te abraça, te apaixona, te faz perder a noção de dimensão e espaço, a cidade é isso, é o lócus da vida pública, da vida em massa, das pessoas que migram no sentido de se inserir nesse novo meio de produção.

Usar a cidade é um processo feito pelo nosso uso. Compreender que o corpo em movimento tem esse lugar de torna-se obra de arte. Nesse emaranhado da vida cotidiana Egídio Rocci conseguia capturar detalhes íntimos em meio ao caos e a construção que a janela dita indiscreta nos apresenta.

Nessas experimentações e mergulhos no cotidiano é que fazemos a aproximação do artífice que torna-se artista, do resto da cidade que torna-se obra de arte, do inusitado que ganha luz e curtidas em redes sociais. O olhar do artista nunca passou despercebido pela cidade, e na poética de Egídio Rocci prova que a cidade vai além de pedra e cal, que os restos de madeira podem se tornar arte, antropofagia e que a emoção de ver alguém vindo em sua direção seria mudança.

Em suas últimas obras que envolveram diretamente a coleta ou a fabricação de objetos mais específicos, qualquer obra que permanecia no atelier por muito tempo estava correndo o risco de ser desfeita, ou incorporada a outra obra. Egídio estava numa constante experimentação e produção, planejava uma obra de grandes dimensões, testando determinadas junções para facilitar a montagem e até mesmo o manuseio da obra.

Porém em novembro de 2015, quando estava em um belo final de tarde um pássaro repousou próximo a mim, de cores diferentes e com um olhar nunca irei esquecer. Da mesma maneira que veio, ele foi. Na mesma hora

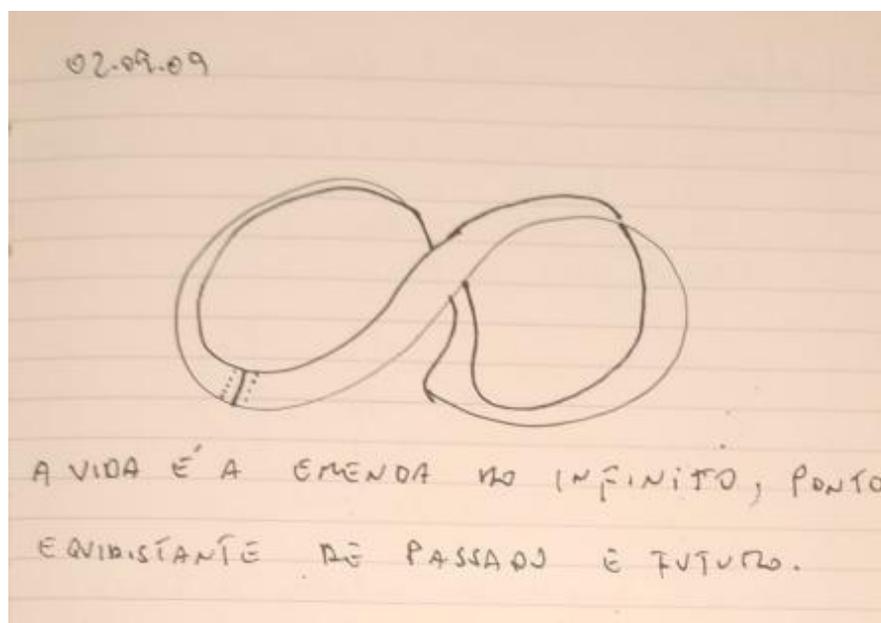
me lembrei de Egídio que era apaixonado por pássaros. Horas depois meu telefone tocou anunciando que ele tinha falecido naquele final de tarde deixando alguns projetos inacabados, testes em madeiras, maquetes e toda uma produção ainda a ser explorada.

A obra de Egídio Rocci é uma produtora de sentidos, dialoga com umacidade construída, ou melhor dizendo uma cidade que se ressignificou em suas obras. A cidade que é o imã, a atração, a busca por significações, tanto na obra como na cidade há sempre uma única busca mesmo que em meio a tantos significados, códigos e junções há sempre a busca pelo *equilíbrio*.

O Equilíbrio é contrabalançar, sustentar-se, aguentar-se, as questões das esculturas voltam para testar esse ponto entre a presença e a ausência do equilíbrio e claro apresentar alguma maneira que sempre compensa, testar o equilíbrio é tentar semprepreter o movimento, vivemos nessa corda bamba, nesta dualidade, entre a cidade que se transforma como um monumento e a reconfiguração, a representação que é fruto da imaginação de quem a habita, criando sempre um ar onírico.

A figura 09 representa esse equilíbrio caderno de artista que está no acervo de Tamara Andrade traz a imagem do infinito, essa ida e volta, essa dualidade que nunca se finda e transforma-se em movimento, um movimento que permeou a obra e a poética de Egídio Rocci, seja ela as fotos de transeuntes, seja pela busca por restos da cidade, a dualidade e o movimento estão presentes em sua poética.

Figura 2. Caderno do Artista



Fonte: Acervo Tamara Andrade

Estudar esse fragmento da poética de Egídio Rocci é trazer a luz este artista que tanto contribuiu para a arte não só do Vale do Paraíba como para o Brasil, ter essa aproximação com Egídio me fez trazer um olhar para a sua história de vida, foi preciso revisitar o artista, foi preciso revisitar a poética e foi preciso revisitar a memória.

Compreender que ao me deparar com o arquivo do artista eu teria um imbricamento também com o estudo das biografias e das histórias de vida, me trouxeram um desafio muito maior, afinal de contas me colocar nesta escrita é também tirar em dados momentos o olhar e amiga e trazer a perspectiva de pesquisadora. A obra de Egídio Rocci hoje está aberta para estudo, seus trabalhos estão em coleções públicas, em coleções particulares, parte do acervo ainda está sob guarda de Tamara Andrade e as múltiplas memórias que os amigos ainda detém sobre Egídio Rocci.

A pesquisa biográfica unida ao desarquivamento traz para o campo da arte uma contribuição genuína, “é tatear em um campo de significações e de subjetivações, é (re)escrever a poética do artista com os olhos de experimentação, reflexão e desdobramento, até certo modo um desdobramento sensível e poético. É pesquisar a presença em meio à ausência.” (PEYERL,2019, p.76)

Egídio Rocci permanece nesses fragmentos da cidade de infinitas possibilidades, de desejos matriciais onde se pode experimentar, é o local que a poética habita de uma forma simbólica, sejam elas as fotografias ou as madeiras, sempre teremos esse coração pulsando

Referências

- BENJAMIN, Walter. **A modernidade. A modernidade e os modernos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BOPPRÉ, Fernando. O silêncio e a precisão do gesto. **Egídio Rocci Madeirame.** Catálogo: Fundação Cultural Badesc. Florianópolis, 2011.
- BUENO, Maria Lucia. **Artes Plásticas no século XX.: Modernidade e Globalização.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- CANTON, Katia. **Temas da arte contemporânea.** São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009.
- CANTON, Katia. **Narrativas Enviesadas.** São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009.
- CANTON, Katia. **Tempo e Memória.** São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009.
- CANTON, Katia. **Espaço e Lugar.** São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009.
- CHEREM, Rosângela .MAKOWIECKY, Sandra. (Org.). **Registros sobre as cidades: entre pedras, tintas e letras.** Florianópolis. Ed. Da UDESC, 2012.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto.** Educação E Pesquisa, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006. <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>>.
- DETHIER, Jean. Por un musée imaginaire de la ville. *In:* GUIHEUX, A. (dir.). **La ville: art et architecture en Europe – 1870-1993.** Paris: Centre Georges Pompidou, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2001.
- HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- RÜGER, A. C. . Roma e a cidade como obra de arte. *In:* MAKOWIECKY, Sandra; CHEREM, Rosângela. (Org.). **Registros sobre as cidades: entre pedras, tintas e letras.** 1ed. Florianópolis: UDESC, 2012, v. 1, p. 17-42.

MORAES, Angélica. Página Oposta. **Egídio Rocci: o duplo e o outro**.Catálogo.São Paulo,2007

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do lugar. *In*: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** Geografia, Epistemologia,Fenomenologia. Ed: Perspectiva: São Paulo, 2012.